

Mulheres brigam mais com mulheres

Mickey Meece

Gritos, intrigas e sabotagens: esses três são sintomas de que o molestar moral está em ação entre os funcionários de uma empresa.

Durante a crise, então, os níveis de estresse sobem e essas ocorrências tornam-se mais comuns e também mais agressivas e virulentas.

Não é surpresa que a maioria dos molestandores são os homens, mas um levantamento do Workplace Bullying Institute, um grupo de advocacia especializado nesses casos de ofensas e perturbação, descobriu que 40% de casos são promovidos por mulheres. E, enquanto os homens "atacam" igualmente homens e mulheres, sem distinção, as mulheres parecem preferir abusar das suas colegas de trabalho. Em cerca de 70% das agressões e abusos que partem de mulheres, os alvos são outras mulheres.

Peggy Klaus, uma treinadora de executivos em Berkeley, na Califórnia, chama essas molestandoras de "elefantes cor-de-rosa". "Elas gritam e fazem ameaças, agem de uma maneira agressiva e inaceitável, enquanto supostamente deveriam ter um comportamento mais maternal", diz.

"Eu já fui tão sabotada no trabalho pelas minhas colegas que acabei deixando o ambiente corporativo para abrir meu próprio negócio. Assim passei a ser mais respeitada, inclusive pelas outras mulheres", conta Roxy Westphal. Ela lembra de quando foi ser entrevistada para uma vaga de emprego e se viu diante de uma mulher que parecia um carrasco. Todos os entrevistadores eram gentis, mas a mulher a levou às lágrimas com perguntas ofensivas e acusações gratuitas.

Gary Namie, pesquisador do Workplace Bullying Institute, acredita que as mulheres atacam mais outras mulheres porque pensam que vão encontrar uma vítima "menos confrontativa".

Uma razão desse estresse seria o fato da mulher achar que precisa trabalhar o dobro que o homem para ter o mesmo reconhecimento. "Muitas mulheres acham que têm de ser agressivas para serem respeitadas e promovidas", opina Laura Steck, do Centro de Crescimento e Liderança de Sunnyvale, na Califórnia.

Cleo Lepori-Costello, vice presidente de uma companhia de software, é considerada uma executiva excelente para conseguir que as coisas sejam feitas no prazo, mas seu métodos às vezes lembravam o de um touro em uma loja de porcelanas, segundo algumas de suas funcionárias.

Então Steck e Kent Kaufman, outro treinador do Centro, começaram a treiná-la para deixá-la mais dócil. Deu resultado.

A Televerde, uma empresa que opera call centers no Arizona, recruta funcionárias nas prisões de Phoenix para sua equipe de atendentes. "São pessoas que sofreram abusos e agressões de outras mulheres, mas foram forçadas a aprender que só mesmo trabalhando juntas poderiam melhorar sua vida na cadeia. Depois, em outro ambiente, no trabalho, transformam-se em pessoas ótimas para lidar com os clientes, são muito cooperativas", afirma Donna Kent, vice-presidente da Televerde.

Michelle Cirocco, diretora de vendas da empresa, veio de lá. "Precisamos nos controlar e trabalhar mais juntas", ensina.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 12 maio 2009, Plano Pessoal, p. D1.